



Em busca de Milton

(capítulo II da minissérie
A Segunda Geração)

Como disse o trompetista Winton Marsalis, há artistas que não vêm a você, mas você deve ir a eles que vale a pena. James Joyce, por exemplo, digo eu. Beethoven, Stravinsky, Shakespeare, disse ele. Shakespeare não demora muito a vir, mas Winton é professor, pode estar pensando em alunos com pouca ou nenhuma experiência.

Milton Nascimento chega a nós. Tem uma voz preciosa que as pessoas acolhem. Mas ao mesmo tempo você tem que ir a ele, desvendar os segredos de sua arte.

Como Drummond, é mais um caso brasileiro desconcertante de aceitação popular de um artista radical. Um estrangeiro que entenda de música e assista a seu show no Brasil deve ficar surpreso diante do fato de aquela música tão sofisticada ser tão aclamada.

Se Drummond já foi exaustivamente estudado, Milton fica a merecer uma atenção à altura de sua obra. Mais que uma atenção, uma compreensão melhor. A crítica é surda quanto ao que sua arte conseguiu.

Travessia é para Milton como *Round Midnight* para Thelonius Monk: a música mais conhecida de cada um, e a mais “normal”. E ambas estão entre as mais sofisticadas do planeta.

Em 67, na contracapa de *Travessia*, primeiro disco, Edu Lobo disse que a santíssima trindade do jazz para Milton eram Coltrane, Miles e Mingus. Anos mais tarde, sem saber disso, escrevi que sua composição era inovadora como as de Coltrane e Monk. E é. Mas Mingus aí, no lugar de Monk, faz muito mais sentido.

As baladas
de Milton
têm uma
profundidade
inigualável
na MPB

Luizinho Eça é uma referência importante de Milton (descobri quando tentava o impossível: mapear o gênio deste). O Tamba Trio de Eça já vinha trazendo grandes ousadias, rearmonizando a bossa, criando polirritmias, liberando o espaço instrumental no espaço da

canção, levando a arte do arranjo a um ponto muito avançado. Ninguém trabalha o arranjo como Luizinho Eça. Trabalho braçal mesmo, trabalho de pintor.

A cada momento a coisa toda muda, e no final você tem múltiplas paisagens sonoras dentro da mesma canção. Mesmo que você questione isso, esteticamente, preferindo a simplicidade, por exemplo, não poderá deixar de encontrar inúmeras idéias valiosas.

Milton curti também sua geração: Elis, Edu, Marcos Valle, Dori Caymmi, e o samba-jazz: Sérgio Mendes, Eumir Deodato, Zimbo Trio,

César Camargo Mariano etc. Podemos estender a lista de seus preferidos à vontade, colocar ainda Baden, Jobim, João. O interessante é que já no primeiro disco sua música não se parecia com nada disto.

O interesse pela música latino-americana é outra característica de Milton, que o difere um pouco dos demais (mas não tanto de Caetano, nem de Elis). Sua gravação do bolero *Dos Cruces* (*Clube da Esquina*, 71) confirma um procedimento usual: a canção é transformada em Milton Nascimento, meio western, meio Espanha, como já disse Márcio Borges, lembrando, não por acaso, o *Sketches of Spain* de Miles e Gil Evans. A *Saeta* – o momento mais dramático das procissões espanholas na Semana Santa – é retomada por Miles e Milton, com entendimento profundo por parte de ambos do seu significado universal de dor e desconsolo.

As baladas de Milton, como *Tarde*, *Outubro*, *Cais*, têm uma profundidade inigualável na MPB. Só Coltrane e Miles e os grandes intérpretes vocais (Elis, Ray Charles, Billie Holiday, Amália Rodrigues) alcançaram algo parecido.

Milton expressa densidade emocional com a voz. Além disso sabe buscar o impacto intraduzível dos instrumentistas. Sobre Miles ele já disse: “É a minha voz”.

“Ray Charles me mostrou que o canto masculino podia ser bonito”. Apreciador só da voz feminina, quando era menino, Ângela Maria, Sarah Vaughn, Yma Sumac e tal, gostava de cantar se espelhando nelas. “Quando crescer e a voz mudar, vou ter que parar de cantar”, pensava temeroso. Até que Ray Charles o salvou.

Milton levou a MPB ao ponto “nec plus ultra” de hoje. Depois dele a dispersão faz até sentido. Depois das grandes realizações é preciso respirar, é a dinâmica do mundo. Até porque, de avanço em avanço, as artes vão se tornando por demais eruditas e um tanto impopulares. Isto foi experimentado por todas as artes no século XX, sem exceção.